

33º Encontro da Associação Nacional de
Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
ANPOCS

Caxambu (MG) 26 a 30 de outubro de 2009

GT 18: Elites e Instituições Políticas

Militância Virtual?
Organizações de Juventudes Partidárias na
Rede Mundial de Computadores

Jefferson Alves Teixeira

Mestrando em Ciência Política – Programa de Pós-Graduação em Ciência
Política/ Universidade Federal do Pará
Email: jeffersonxepao@yahoo.com.br

RESUMO

A Democratização da sociedade brasileira, além de garantir a reorganização dos partidos políticos, fez com que esses buscassem maximizar suas organizações internas criando secretarias, setoriais e/ou organizações de diversos segmentos (mulheres, negros, sindicalistas, jovens, etc.) em suas instancias. Com a introdução do voto aos 16 anos e com um ardido crescimento do eleitorado jovem os partidos políticos criam políticas partidárias para a organização das suas juventudes. O propósito desse trabalho é analisar como as organizações partidárias brasileiras buscam organizar seus jovens, nesse sentido analisamos um importante instrumento utilizado por esse segmento: a internet.

Palavras-chave: Juventude, Partidos, Internet.

1 - INTRODUÇÃO

A redemocratização brasileira, consolidada com a promulgação da Carta Magna de 1988, suplantou o bipartidarismo que vigorou no país por, pelo menos, duas décadas e meia e propiciou às agremiações partidárias novos arranjos para seus funcionamentos internos visando, dentre outros aspectos da vida democrática, a competição eleitoral que estava ampliada em todos os âmbitos de nossa organização federativa, considerando, dessa forma, um aspecto importantíssimo: o crescimento do eleitorado.

Incorporando um novo segmento etário dentro da legislação eleitoral (os jovens na faixa etária de 16 e 17 anos), a redemocratização, o (res) surgimento de novos partidos e a promulgação da CF de 1988 acabaram sendo determinantes para que essas agremiações, organizadas e orientadas por um sistema múltiplo de existência partidária, estabelecessem novas ações voltadas para conquista do voto e recrutamento de quadros mais jovens em suas fileiras. Muitos partidos passam a criar dentro de suas organizações internas Secretarias, Setoriais e Coordenações direcionadas para o segmento mais jovem. Evidentemente, que a juventude não era o escopo exclusivo dos partidos, pois tais organizações internas incorporam segmentos eleitoralmente expressivos (mulheres, sindicalistas) e/ou que historicamente foram considerados marginalizados mesmo num regime democrático (mulheres, negros, homossexuais, etc.). Porém, o que se percebe durante o período da transição democrática é uma intensa corrida dos partidos políticos em arregimentar pessoas, dentre os quais a juventude torna-se um importante segmento a ser atingido.

Para Krischke (2003) “a sociedade moderna busca ampliar as possibilidades de integração social da juventude, principalmente através da sua participação gradual nos recursos culturais e processos decisórios, que caracterizam o regime democrático de governo”. Segundo esse autor isso passou a acontecer no Brasil com a redemocratização iniciada nos anos de 1980. Ou seja, num sistema político como o brasileiro e da grande maioria das democracias contemporâneas, onde a condição para a representação exige-se vinculação a uma organização partidária, possibilitou-se maior acessibilidade e poder de decisão dos jovens nos partidos políticos. E Mesmo com a carência de estudos detalhados sobre amfaixa etária dos atores que atuam em entidades, movimentos sociais e Organizações Não-Governamentais (sejam elas estudantis, comunitárias, sindicais, rurais, ambientalista, cristãs, partidárias, etc.) é perceptível a presença de jovens que assumem um papel de não serem apenas coadjuvantes no papel político dessas organizações, mas buscam ser protagonistas nos debates políticos travados diante dos mais variados temas, principalmente o que tange as políticas sociais e os processos decisórios.

Conforme Avritzer (2006) “o Brasil, a partir de 1988, passou a integrar um grupo bastante seletivo de países que não têm na representação o monopólio das formas de expressão política institucionalizada”, o que do ponto de vista da arquitetura política torna-se presente a combinação entre representação e participação. Daí, a presença desses novos atores da sociedade civil no cenário político gerou um conjunto de imprecisões quanto a sua natureza, afirma Pinto (2006), comungando com Adam Przeworski (1984) quando este afirma que a democracia pode ser entendida como um tipo de jogo em que a incerteza é institucionalizada. Podemos supor que tais imprecisões sobre o papel desses novos atores merecem destaque quanto ao grau de envolvimento nas esferas de decisões num âmbito maior da sociedade civil em períodos democráticos ou não; somando ainda a qualquer impossibilidade do estabelecimento de “certezas” sobre as regras do jogo democrático, são variáveis a ser consideradas para uma maior participação dos que estão etariamente na condição de jovens nas instituições que estão se consolidando ou já se consolidaram socialmente.

Ainda hoje, a vasta literatura nacional e internacional sobre partidos políticos, eleições e democracia historicamente têm destacado o papel dos indivíduos como aqueles que a partir de suas ações, escolhas, opiniões e idéias acabam criando arranjos que se tornam objetos de análise das ciências sociais. Não queremos negar os papéis de importantes instituições e da própria cultura política que acabam sendo determinantes para o estabelecimento de certos padrões políticos na democracia contemporânea e que também são analisadas destacadamente pelas ciências sociais, em especial a ciência

política. Porém, ainda é perceptível a inexistência de obras que destaquem os jovens dentro dessas três categorias, salvo quando tais pesquisas procuram saber suas opiniões antes, durante e pós-pleitos eleitorais; ou como os mesmos vêem a situação política do país, ou se preferem regimes ditatoriais à democracia; e ainda sobre qual partido político mais simpatizam.

Sem desmerecer o grau de importância dessas pesquisas, principalmente para avaliarmos o caráter republicano-democrático desse importante segmento social que é a juventude, não podemos negar que eles se concentram numa única dimensão de participação daqueles que compõe a polis: o exercício do direito ao voto. Destarte, para alguns pesquisadores parece existir uma maior relevância em saber em qual candidato o jovem votou, do que se debruçar em analisar como esse jovem exercita o direito de ser votado; ouvir a opinião sobre um partido político é muito mais relevante do que procurar saber quais os motivos que levam o jovem pertencer a uma organização partidária; por fim, concentrar estudos sobre o que os jovens pensam sobre a democracia se sobrepõe ao ato de como os esses jovens vivenciam esse princípio político de forma plena ao ocupar os espaços de decisões políticas.

O Brasil enfrenta presentemente uma série de dificuldades que vem obstaculizando a solidificação de seus partidos políticos como mediadores entre estado e sociedade (BAQUERO, 2001), tendo por consequência um enorme descrédito manifestado por expressiva parte da sociedade civil brasileira.

“Sem desconhecer sua importância, durante os últimos anos, tanto nas democracias mais antigas como nas emergentes, surgiu um descontentamento quanto aos partidos e aos políticos, o que teve um impacto nas atitudes em relação à democracia em seu conjunto” (ZOVATTO, 2005: 288). Com os jovens esse sentimento não é diferente. Podemos hipotetizar que o grau de rejeição e desconfiança desses em relação aos partidos e também aos políticos deve-se principalmente a fatores como a onda generalizada de corrupção institucionalizada nos poderes constituídos, o reconhecimento da existência de uma sobreposição de um acentuado personalismo político em relação às siglas partidárias, somada a uma distribuição de riquezas que não contemplam minimamente a demanda de uma importante parcela da população brasileira: as classes menos abastadas economicamente.

Ainda é escassa a produção literária que busca dar importância sobre a organização dos partidos brasileiros num contexto político-partidário-eleitoral tão

complexo e alvo de reflexões como o nosso. Alguns estudos se propõem análises individuais dessas organizações partidárias (Kinzo, 1988; Meneguelo, 1989; Almeida 2006), entretanto nenhuma destaca a organização juvenil dentro das mesmas.

Mesmo com a existência de um sistema partidário multifacetado, formado em quase sua totalidade por partidos *catch-all* e sem bases sociais consolidadas, caracterizados por uma ininterrupta migração “dos com” e “dos sem” mandatos, com um enorme índice de descrédito oriundo de uma significativa parcela da população brasileira, por que os jovens brasileiros buscam filiar-se e organizar-se em partidos políticos? Que incentivos políticos os partidos, tão desacreditados atualmente diante da opinião pública, têm a oferecer aos jovens? Que espaços nos poderes decisórios esses jovens encontram nos partidos?

Esse trabalho pretende demonstrar que os partidos, pelo menos em âmbito nacional, buscam organizar dentro de suas estruturas internas criando e organizando setoriais que visam agregar o segmento juvenil oferecendo, dentre outras coisas, propostas de políticas públicas, de recrutamento partidário e um maior grau de participação nos processos decisórios internos. Nosso escopo central passa a ser o de investigar quais partidos políticos brasileiros vêm organizando suas juventudes em suas estruturas internas a partir do funcionamento de setoriais, secretarias e/ou coordenações de juventude e como atuam politicamente essas “sub-organizações”. Para essa empreitada focaremos nossa análise às páginas virtuais dos partidos na *internet*, assim como as páginas virtuais próprias dessas juventudes partidárias. É nossa pretensão fazer uma análise demonstrativa de como os partidos brasileiros vêm organizando suas juventudes na internet, considerando um importante elemento que é a forma como são transmitidos seus conteúdos políticos em tais páginas. Também focaremos como as juventudes partidárias buscam criar uma política virtual de recrutamento e de discussão política no “mundo virtual” voltado para os jovens.

Na próxima seção deste trabalho, recorreremos a uma breve revisão da literatura nacional e internacional sobre os partidos políticos e, para um melhor desenvolvimento do mesmo, optamos, pela abordagem organizacional, pois está poderá nos dar a compreensão sobre a dinâmica e o funcionamento interno das agremiações partidárias nacionais. Nessa mesma seção investigaremos o tratamento dispensado pelos partidos políticos aos jovens em suas respectivas páginas na rede mundial de computadores (*internet*), assim como detalhar os conteúdos existentes nas páginas próprias dessas

juventudes partidárias e comunidades dessas juventudes em sites de relacionamento, caso essas venham existir. Por fim, na última seção, concluiremos esse trabalho destacando os dados levantados e tentaremos demonstrar a relevância dessa pesquisa não só para a Ciência Política, mas também para as “Antropologias” e “Sociologias” que voltam suas análises a dimensão da vida política e da juventude.

Vale ressaltar que durante a produção desse trabalho, o Congresso Nacional aprovou a Lei que regulamenta o uso da Rede Mundial de Computadores em períodos eleitorais por candidatos e partidos políticos, o que na nossa avaliação poderá dar uma nova formatação de estratégias e táticas não só às páginas dos partidos políticos durante os pleitos, mas também poderão ser determinante a forma como se comportarão os setoriais de jovens, mulheres, negros, etc. desses partidos no sentido de mobilizar o eleitorado.

2 - PARTIDO E JUVENTUDE

Para Dahl (2001) a invenção da representação possibilitou a vigência da democracia nas sociedades contemporâneas que são complexas e heterogêneas, compostas por milhões de pessoas e atravessadas pelas mais diversas clivagens sociais e suas dimensões: econômica, étnica, de gênero, etária, etc. Dentre essas clivagens, os (as) jovens, ao longo do tempo, assim como as mulheres, foram conquistando o direito de escolher seus representantes, em virtude da redução mínima de idade para o exercício do voto. Conseqüentemente, as legislações eleitorais das mais variadas democracias foram garantindo também o direito dos (as) jovens competirem nos pleitos enquanto candidatos (as), sejam buscando assento nos parlamentos, sejam disputando as chefias do executivo. Essa dualidade da representação, que garante a escolha de representantes ou possibilita a esse (a) jovem a chance de ser o representante pelo voto, efetiva duas dimensões básicas da democracia contemporânea: o exercício da cidadania ativa (aquele que tem como princípio o ato de votar) e o exercício da cidadania passiva (aquele que prima pelo direito do indivíduo de competir em pleitos eleitorais e ser votado).

Os partidos políticos passam a ser um elemento-chave nessa forma de democracia, pois são eles que congregam os competidores que estarão disputando cadeiras parlamentares e os poderes executivos; buscam a preferência do eleitorado

apresentando candidatos (as), que dependendo da situação, estão direta ou indiretamente interligados as mais diversas clivagens sociais e suas mais variadas demandas:

[...] os partidos oferecem algo que nenhuma máquina ou pesquisa de opinião pode oferecer: transmitir reivindicações apoiadas por pressões. O partido lança seu próprio peso nas reivindicações a que se sente obrigado a fazer eco (SARTORI, 1982, p. 49).

A reforma partidária de 1979 que extinguiu a ARENA e o MDB e reintroduziu o multipartidarismo (pluralismo partidário) no Brasil, garantindo a legalização de novas organizações partidárias; o aumento considerável do eleitorado brasileiro pós-1985 e; a visível conquista de inúmeros direitos de segmentos sociais historicamente marginalizados impôs aos partidos que (re) nasciam a criação de meios que, além de garantir-lhes o apoio eleitoral necessário para colocá-los em condições de disputa de poder nos pleitos, congregassem dentro de suas estruturas internas um conjunto de indivíduos, que filiados, não somente pudessem disputar eleitoralmente cargos políticos, mas também tornarem-se importantes quadros militantes nas fileiras desses partidos. Táticas e estratégias eleitorais, programas de governo, estatuto partidário passam a ser elaborados considerando diversidades étnicas, econômicas, de gênero, etc., sendo políticas importantes dos partidos para uma maior aproximação junto a esses segmentos, expressivos numericamente e importantíssimo para o processo de redemocratização.

Podemos afirmar que o recrutamento desses cidadãos e cidadãs é uma expressão da racionalidade partidária, pois como nos demonstra Kinzo (2004) uma das atividades centrais do partido é buscar apoio nas urnas, o que o torna uma organização política que tem como um dos propósitos viver em função da necessidade de mobilizar os eleitores para o voto, a fim de chegar as estruturas de poder numa sociedade democrática.

“[...] a mobilização eleitoral começou bem antes de 1985. De fato, esse foi um dos traços característicos do processo de transição democrática no Brasil, em cujos primórdios – ainda em fase de distinção do regime autoritário – a oposição conseguiu mobilizar o eleitorado contra o regime, iniciando o engajamento eleitoral” (KINZO, 2004, p. 30).

Para a mobilização do eleitorado são necessários agentes mobilizadores e os dirigentes partidários reconhecem que os (as) jovens trazem consigo uma enorme capacidade de mobilização social, estando aí a necessidade de incorporá-los (as), juntamente com indivíduos pertencentes a outros segmentos, dentro das instâncias partidárias. Uma forma de expressar a organização desses partidos junto a esses segmentos é criando dentro de seus funcionamentos internos secretarias, coordenações e setoriais temáticas que discutam questões relacionadas aquilo que os que compõem tais segmentos reivindicam. Destarte, os partidos vão criando internamente organizações de Mulheres, de Negros, de Sindicalistas, de Movimentos Sociais e também de Juventude.

A teoria organizacional dos partidos políticos busca explicar essas instituições a partir de sua capacidade organizativa, precedendo a qualquer outra abordagem. Aqui, estaremos fazendo o uso dessa teoria para compreender a capacidade organizativa dessas juventudes partidárias e as formas que as mesmas atuam dentro da estrutura macro do partido e junto aos segmentos mais jovens da sociedade brasileira.

Segundo Angelo Panebianco (2005), “o desenvolvimento organizativo é estreitamente condicionado pelas relações que o partido instaura na fase genética e, posteriormente, ao longo do caminho com outras organizações e instituições sociais” (PANEBIANCO, 2005: 39).

“Apesar da importância conferida à organização dos partidos políticos, são escassos os esforços para a compreensão desse aspecto na realidade brasileira, em que se destacam alguns estudos que se propõem analisar os partidos individualmente (Meneguelo, 1989; Kinzo, 1988; Almeida, 2006). Mesmo com essa lacuna empírica, o diagnóstico prevalente é o de que os partidos e organizacionalmente são débeis (BRAGA & BORGES, 2008).

Ao analisar as estruturas e a direção dos partidos Duverger (1985) destaca a importância da chegada de quadros mais jovens nessas organizações e como, dependendo da estrutura partidária eles podem se tornar quadros dirigentes e concorrer a uma vaga no parlamento¹. Para este autor, o grau de envelhecimento dos quadros e as possibilidades

¹ Utilizando-se dos dados levantados por J.F.S. Ross na obra “Parliamentary Representation”, Duverger constata que a média de idade dos deputados eleitos para a Câmara dos Comuns, quando de sua primeira eleição (1918-1935), obteve as seguintes médias: no Partido Trabalhista a média de idade era de 46 anos e 11 meses, tendo 2,8 de seus eleitos na faixa de idade entre 21 e 25 anos; Os conservadores estavam na

de renovação dependem enormemente da própria organização do partido: se burguês ou proletário, se centralizado ou descentralizado. E mesmo não delimitando a faixa etária de um quadro partidário considerado jovem, ressalta a importância da formação política dos jovens e como esta formação pode ser determinante para uma rápida ou retardada ascensão na organização partidária:

Mesmo se se considerar que o ensino secundário ou superior constitui uma formação política insuficiente, ele não deixa de dar uma cultura geral e uma técnica de análise dos fatos e da sua exposição – uma retórica – que são muito preciosas para os quadros de um partido. Por não tê-las adquirido em sua juventude, muitos militantes operários são obrigados a aprendê-las mais tarde, o que lhes retarda o acesso aos postos de direção [...]. Pois, a atribuição de responsabilidades a homens jovens supõe que já receberam a formação política e técnica apropriada (DUVERGER, 1985, p.199-200).

Perissinotto & Bolognesi (2007), afirmam que “um verdadeiro estudo de recrutamento deve dar conta não apenas das características dos membros dos partidos políticos, dos que buscam ser candidatos e dos que efetivamente são indicados como tal, comparando-as com os atributos da população em geral”. Norris (1997) afirma que essa é uma das formas de analisar como se dá o processo que seleciona os que ocuparão postos de elite e isso contribuirá para a análise de quais grupos sociais simplesmente não se lançam na atividade política, quais grupos buscam a carreira política, mas dela são alijados e quais se encontram sobre-representados na elite política.

Considerando que, no Brasil e em quase a totalidade dos países democráticos, a filiação a um partido político é uma condição *sine qua non* para que um indivíduo venha aspirar um cargo eletivo e que os mesmos seriam, conforme demonstra Putnam (1976) e Giddens (1974), os principais “canais” ou as principais “avenidas” de acesso às posições de elite, certamente, a busca por quadros mais jovens depende da forma como essas instituições partidárias estão estruturadas.

Não queremos descartar outras condicionantes estimuladoras para o ingresso de um jovem a um determinado partido político que devem, ou deveriam aqui ser, minimamente consideradas. Czudnowski (1975) ressalta que o recrutamento de um indivíduo a um partido político pode começar ainda na infância, pois esse indivíduo pode

média de 43 anos e 7 meses, tendo 3,3% de jovens eleitos; os liberais possuíam uma bancada onde a média de idade estava em torno de 43 anos e 2 meses, possuindo uma representação jovem de 2,6%.

estar envolvido num ambiente familiar político, onde os membros da família exercem cargos políticos ou são militantes partidários.

Afirmar que a tarefa de um partido se resume exclusivamente ao recrutamento de “futuros (as)” candidatos (as) ou militantes mobilizadores é uma negação de outras estratégias partidárias, sendo uma delas a de criar um processo de renovação de direção, tendo em vista que quadros mais jovens podem trazer novas formas políticas para dentro do partido, o que poderá criar novos paradigmas na disputa de poder intra e interpartidário. Essa afirmação comunga com uma das quatro condições suscitadas por Lapalombara e Weiner (1966) e que são necessárias para que uma organização possa ser considerada um partido político. Segundo esses autores deve se observar a continuidade da estrutura organizacional do partido. “Isto é, a longevidade da organização partidária não pode depender dos seus dirigentes atuais” (BRAGA & BORGES, 2008). Tal teoria leva-nos supor que existam arranjos partidários que primam pela renovação dos membros, fazendo emergir novas elites, onde considera-se o tempo de militância e a ascensão nas estruturas de direção.

Empregando a definição estrutural contida na obra de Angelo Panebianco, Kinzo (2003) ressalta que apesar do conceito “partido” trazer diversos significados é possível destacar pelo menos dois traços característicos e que parece ser consenso entre os estudiosos: o primeiro refere-se ao contexto em que os partidos atuam; em segundo, às atividades que desenvolvem sob tal contexto. Ao considerarmos tal afirmação, podemos inferir que, contextualmente, a redemocratização brasileira, ao garantir eleições diretas para todos os cargos executivos e legislativos; ao incluir importantes segmentos no eleitorado, dentre os quais os da faixa etária compreendida entre dezesseis e dezessete anos, mesmo com o voto facultado; ao favorecer o surgimento de novas demandas de políticas públicas direcionadas aos jovens; ao estimular o crescimento do eleitorado juvenil; levaram os partidos políticos elaborarem um conjunto de estratégias que possibilitassem uma maior aproximação desses últimos em relação a esse segmento.

O exposto aqui, pode identificar-se com a premissa de Huntington (1968) quanto este afirma que os partidos são instituições chave para a estabilidade política e para a democracia. Utilizando-se da categoria “adaptabilidade” como critério que estaria relacionado a sobrevivência partidária, esse autor enfatiza que esta seria uma condição essencial para análise do grau de institucionalização dos partidos políticos na América Latina. Adaptar-se a uma sociedade onde “a participação dos jovens nos assuntos

públicos está entre as preocupações do debate sobre a ampliação dos processos democrático” (BOKANY & VENTURI, 2005) passou a ocupar lugar importante na pauta dos partidos políticos, não diferindo do pensamento de Levitsky (2003) que além de trabalhar com o conceito de adaptação tem a preocupação em saber se os partidos políticos conseguem responder às mudanças no ambiente externo (eleitoral e econômico, cultural, etc.). Então, conforme demonstrado por Araújo (2005), “os partidos não são instituições fixas e imutáveis, ao contrário, estão em constante fluxo, adequando-se aos imperativos do contexto político a que se vinculam. Nesse sentido, também refletem as características mais amplas de cada sociedade”. (ARAÚJO, 2005: 194).

Maria Luzia Álvares ao focar sua análise aos padrões de recrutamento e seleção de candidaturas afirma que a atração de simpatizantes para um partido político necessita de estratégias de sedução. Segundo essa autora “esse é o trabalho de base de militantes e ativistas de organizações partidárias, objetivando reunir mais adeptos para os seus quadros, atividade materializada no processo de recrutamento político que tem vários formatos, agentes e ambientes e se torna fundamental para a consolidação da organização” (ÁLVARES, 2007: 04).

Mas o que seriam essas seduições partidárias, ou os estímulos que levariam indivíduos, principalmente os mais jovens, a participarem da vida de um respectivo partido? Podemos supor que fatores como a ideologia política; um maior processo de inclusão, caso consideremos a categoria dahlsiana; plataforma programática; e a vivência em sociedades onde a democracia está consolidada ou as que estão em processo de democratização após longos tempos de governos ditatoriais ou totalitários são hipóteses que de forma alguma poderão ser desprezadas.

Como afirmamos acima, se uma das tarefas partidárias é a mobilização de eleitores e de agentes mobilizadores para que possa disputar governos através do voto, que estratégias os partidos brasileiros têm utilizado para atrair um maior número de signatários, num contexto onde os mesmos não possuem qualquer grau expressivo de confiabilidade por parte dentre os quais os mais jovens?

Com o avanço tecnológico e a massificação da *internet*, não demorou muito para que os partidos políticos brasileiros utilizassem esse importante meio de informação, não somente para divulgar suas ações e de seus governantes e parlamentares, mas pudessem também atingir um eleitorado jovem que cresce consideravelmente e tê-los como pertencentes às suas fileiras criando em suas páginas *links* destinados a esse segmento.

2.1 Partidos políticos e suas juventudes na *Internet*

Nessa seção nos deteremos a analisar as formas como tem sido o tratamento dispensado pelos partidos políticos brasileiros a juventude, considerando a utilização dessa importante ferramenta de comunicação e informação enfocando o trabalho de aproximação que esses partidos possuem com os jovens.

Dornelles (2005) afirma que a *internet* “como avanço dos meios tecnológicos tem proporcionado novas leituras nas possibilidades de relacionamento com certos públicos de interesse”. As organizações de hoje não podem mais desconsiderar a forte presença da comunicação virtual, no árduo trabalho de aproximação com seus públicos de interesse.

Despontam os cidadãos que se dedicam aos meios virtuais de comunicação, o que abrirá possibilidades inéditas de relacionamento, se a empresa revisar seus processos normais de distribuir informações a seus públicos (FORTES, 2003, p. 242).

Como parte da comunicação organizacional os *sites* podem significar canais abertos de contato, tendo em vista que um dos pressupostos da *internet* é que os indivíduos podem acessá-los de qualquer parte do mundo. Sendo um meio de comunicação, “os *sites* têm gerado novas formas de negociar, de trabalhar conceitos e imagem institucional, novos meios de interação e aproximação, entre outros” (DORNELLES, 2005). Além do mais, por se tratar de uma mídia muito específica, permite praticar a segmentação de mercado para que nichos mais significativos sejam devidamente atingidos (LIMA, in CARDOSO, 2004, p.99).

Quando se trata de jovens, há todo um redobramento de cuidados tendo em vista que esse segmento está praticamente ambientalizado, pois é um dos maiores usuários da rede mundial de computadores, o que faz com que os partidos políticos criem em suas páginas *links*, sobre suas organizações juvenis. Nesse sentido, buscamos analisar as páginas dos partidos políticos a fim de enfatizar como os partidos políticos brasileiros têm lidado com o público jovem, pois esse segmento tem crescido expressivamente, no que se refere à condição de eleitor e é um dos maiores “navegadores” do mundo virtual, pois para as gerações mais jovens a *internet* legitima-se como um espaço privilegiado de trocas, quando então o computador passa a ser uma janela para o mundo.

A fim de fazermos uma análise demonstrativa, procuramos investigar todas as páginas dos partidos políticos brasileiros na internet. Durante o levantamento consideramos alguns aspectos que acreditamos ser relevantes para a pesquisa:

- a) a existência de *site* do partido político;
- b) a existência de espaço dedicado a jovens na página inicial do partido;
- c) se a organização de juventude do partido possui página própria, independentemente de ter espaço ou não na página do partido;
- d) o que aparecem nas páginas iniciais, tanto dos espaços dedicados aos jovens pelos partidos, como as organizações de juventude partidária que possuem páginas independentes.

Demonstraremos o caminho percorrido para definição dos documentos que vêm compor uma análise mais profunda, apresentando um quadro com todos os partidos políticos, descrevendo a situação encontrada no momento do levantamento, o que nos levou a determinar o *corpus* de análise (DORNELLES, 2005).

QUADRO 1
Páginas dos Partidos Políticos Brasileiros na Internet

Partido	Site	Link Jovem/Juventude	Página Independente da juventude do partido
PMDB	X	X	Não consta
PTB	X	Não consta	Site sendo reestruturado
PDT	X	X	Não consta
PT	X	X	X
PT do B	X	Não consta	Não consta
DEMocratas	X	Não consta	X
PC do B	X	X	X
PSB	X	X	X
PSDB	X	X	Não consta
PTC	Não consta	-	Não consta
PSC	X	X	Não consta
PMN	X	X	Não consta
PRP	X	Não consta	X
PPS	X	X	X
PV	X	Não consta	Não consta
PP	X	Não consta	X
PSTU	X	X	Não consta
PCB	X	X	Não consta
PRTB	X	Não consta	Não consta
PHS	X	Não consta	Não consta
PSDC	O site está em manutenção	-	-
PCO	X	X	Não consta
PTN	X	Possui link que não dá acesso	Não consta
PSL	Não consta	-	Não consta
PRB	X	X	Não consta
PSOL	X	Não consta	Não consta
PR	X	X	Não consta

Fonte: Dados extraídos das páginas dos partidos políticos brasileiros na *internet*

Dentre os vinte e sete partidos com estatutos registrados no Tribunal Superior Eleitoral – Lei 5.682/71, adaptados a lei 9.096/95, não foi possível localizar apenas dois sites (PTC e PSL)³, sendo que dos vinte e cinco restantes, dez não possuem qualquer espaço voltado para o público jovem, porém, destes, três (DEMocratas, PRP e PP) possuem páginas próprias que podemos considerar independentes da página oficial do partido. O PSOL, apesar de não possuir qualquer *link* voltado para o público jovem, no referente aos *links* de suas tendências internas, todas possuem esse espaço, o que demonstra o grau de autonomia dessas tendências em relação ao Partido, no que tange as suas organizações internas de juventude. O PTB não possui *link* para os jovens em sua página, porém, existe uma página independente de sua juventude⁴ que passa por reestruturação, o que nos impediu, também, em ter acesso a mesma. Dois partidos apresentam dificuldades para fazermos qualquer análise, pois o PSDC está com seu site em manutenção, o que não nos dá condições para termos conhecimento se existe ali um *link* que versa sobre relação com juventude; e o PTN que na sua página inicial possui um *link* para esse espaço jovem, porém, não está havendo qualquer tipo de acesso.

Para a nossa pesquisa consideraremos os treze partidos que possuem *links* voltados para os jovens em funcionamento, além dos três (DEMocratas, PRP e PP) que apesar de não possuir tal ferramenta, suas juventudes possuem páginas independentes na *internet*. Destarte, dezesseis partidos apresentam os componentes necessários para nossa análise, o que podemos organizar a partir de um quadro amostral.

³ Ao analisar a participação da Internet num trabalho de fortalecimento da imagem institucional de partidos políticos, junto a um segmento específico da sociedade – jovens com direito de voto facultativo, DORNELLES (2005), não conseguiu localizar onze *sites* (PSL, PST, PTN, PCB, PAN, PGT, PHS, PTC, PSD, PRP e PTDoB), o que demonstra o quanto os partidos brasileiros, com o passar do tempo, foram dando um significativo grau de atenção a esse instrumento.

⁴ A juventude do PTB é denominada de Movimento da Juventude Trabalhista.

QUADRO 2

Denominação das Juventudes Partidárias

PARTIDO	Denominação do Setor Jovem do Partido
PMDB	PMDB Jovem
PDT	Juventude Socialista Democrática Trabalhista
PT	Juventude do PT
PC do B	União da Juventude Socialista
PSB	Juventude Socialista Brasileira
PSDB	Juventude do PSDB
PSC	PSC Jovem
PMN	Não encontrada denominação
PPS	Juventude Popular Socialista
PSTU	Juventude do PSTU
PCO	Aliança da Juventude Revolucionária
PRB	Não encontrada denominação
DEMocratas	Juventude Democratas
PRP	PRP Jovem
PP	Juventude Progressista
PR	Juventude Republicana

Fonte: Dados extraídos das páginas dos partidos políticos brasileiros na *internet*

Em nossa análise as categorias que mais aparecem nas páginas iniciais dos setores jovens contemplam o que fora pesquisada por Dornelles (2005), cada uma delas, foram arroladas a subcategorias referentes aos conteúdos, abaixo descritas⁵.

A – O partido/o setor jovem: conheça o partido/o núcleo da juventude; história; quem somos; estatuto; diretrizes; princípios; como funciona; programa do partido/do núcleo jovem; o que quer; atuação; atividades; líderes.

B – Atualidades: notícias do partido; notícias da campanha; agenda; notícias dos candidatos; entrevistas; a campanha no país.

C – Publicações: artigos; livros; textos; pesquisas.

D – Programas: programas/cursos de formação política; programa primeiro emprego; programa cidadania; programas de educação.

E – Campanhas e movimentos.

⁵ Dornelles (2005) analisa cada categoria e subcategoria, relacionando-as com as categorias Comunicação Política e Comunicação eleitoral, o que não é nosso caso deter-se à dimensão eleitoral.

F – Captação: contato; *e-mail*; fale com o partido/núcleo jovem; filie-se; como filiar-se; correio.

G – Estratégias/materiais de divulgação: boletim; *jingle*; *banner*; *slogan*; comerciais de TV e rádio; programas de TV e rádio; bonés; camisetas; rádio emissora; loja virtual; concurso de redação; grupos de discussão; premiações; planejamento estratégico.

H – Relatórios de eventos/congressos.

I – Voto: campanha voto aos 16 anos; campanha defenda seu voto; evolução do voto no Brasil.

2.2 O que encontramos nos *sites* das juventudes partidárias

Na intenção de obtermos uma análise mais aprofundada, observamos a apresentação desses espaços virtuais dedicados à juventude, considerando que estas novas gerações, já habituadas à interatividade, podem sentir-se mais ou menos atraídas, conforme os recursos visuais e lingüísticos aplicados. “Como normalmente o usuário acessa na página aquilo que aviva sua curiosidade, assumindo assim o papel de editor desse espaço informativo, podemos considerar que decorre da forma de apresentação o despertar da atenção e interesse, fazendo com que o mesmo prossiga sua busca” (DORNELLES, 2005).

PMDB

A página do “PMDB Jovem” traz *links* que demonstram a institucionalidade partidária, documentos/estatutos, além de um conjunto de notícias políticas.

PDT

Os jovens socialistas do PDT organizam sua página com *links* que trazem a composição da direção nacional de juventude do partido; em que estados brasileiros a JSPDT se organiza; formação política para seus jovens quadros, contendo uma coletânea bibliográfica, além de videoteca; filiação ao partido e a juventude do partido; além de uma série de artigos publicados.

PT

A Juventude do PT traz em seu site próprio, artigos, notícias relacionadas a cultura e a questões internacionais; as organizações de movimentos sociais, sejam elas de juventude ou não; notícias sobre o partido; além de políticas públicas. No que se refere a página principal do partido, no *link* juventude pode ser encontrados artigos, vídeos, além do *link* que conduz a página do PT.

PC do B

A página da União da Juventude Socialista traz uma série de informações sobre a atuação da juventude no movimento estudantil, principalmente na União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e União Nacional dos Estudantes (UNE); formação política, com textos marxistas e de outras vertentes ideológicas; noticiários internacionais, filiação a UJS e ao PC do B.

PSB

Na página da Juventude Socialista Brasileira encontra-se notícias das atividades realizadas pelos jovens do partido pelo Brasil, além da atuação dos parlamentares e governantes da legenda; possui um link com uma biblioteca virtual com várias obras políticas; fotos e artigos também podem ali ser encontrados; além da existência de espaços para música e bate-papo; existe também um *link* que dá as diretrizes para a participação na organização.

PSDB

A página da Juventude PSDB também compõe-se basicamente por alguns textos; contudo, possui uma diagramação agradável, destacando-se dois recursos utilizados: o uso de vários tons de azul – a cor do partido, e a aplicação da logomarca da Juventude PSDB em duas versões, marcantes por sua estrutura e pelos tons fortes, sendo de fácil assimilação; o *link* de acesso pode ser encontrado facilmente na página de abertura do *site* do partido, sob a denominação Juventude PSDB. Estatuto, Resoluções, bibliotecas, artigos e notícias, além de políticas públicas são abordados na página dessa juventude.

PSC

Apesar da juventude do PSC possuir um *link* na página oficial do partido, não constatamos nada além de duas fotos.

PMN

No site do Partido da Mobilização Nacional, o *link* da juventude só contém um manifesto.

PPS

Na página da Juventude Popular Socialista estão contidas, praticamente, as mesmas informações do partido, porém, alguns *links* se referem à direção partidária, filiação na organização de juventude, além de vários *links* para outros *sites*.

PSTU

O *link* da Juventude desse partido traz uma gama de informações, relacionada história do Partido, o Programa Partidário, filiações, notícias (onde é destaque o movimento estudantil), cultura, etc. Várias imagens de jovens e de lutas sociais pelo mundo fazem parte desta página, além de inúmeros textos de formação política para os jovens militantes.

PCO

No espaço dedicado a Aliança da Juventude Revolucionária, podemos encontrar o Programa do Partido, o Jornal virtual da Juventude Revolucionária, notícias sobre políticas educacionais e sobre movimento estudantil.

PRB

O espaço do *site* desse partido destinado aos jovens contém poucas informações, resumindo-se mais ao estatuto partidário, além de *e-mail* para contato.

PR

A “Juventude Republicana”, apesar de possuir seu espaço na página oficial do partido as informações ali contidas se relaciona mais ao próprio partido do que a

organização interna. Não percebemos qualquer informação vinculada à organização dessa juventude.

DEMocratas

No site da “Juventude Democratas” é possível encontrar, além de uma espécie de manifesto de apresentação, artigos escritos pelos quadros do Partido, assim como *link* com notícias, cidadania, direção da organização da juventude do partido e processos de filiação.

PRP

No site da juventude desse partido encontram-se *links* de institucionalidade partidária, documentos/estatutos, notícias políticas, além de *e-mail* para contatos.

PP

A Juventude Progressista, que possui página própria na internet, procura divulgar, através de *links*, a sua história, a organização de sua diretoria, artigos escritos por quadros do partido, além de suas ações pelos Estados brasileiros, além de um espaço para contatos.

Outro recurso do mundo virtual que analisamos, mas sem fazer uma verificação minuciosa sobre o mesmo, se refere ao site de relacionamento denominado “*Orkut*”. Essa página virtual possibilita a criação de “comunidades” com os mais variados assuntos e muitos partidos políticos possuem as suas. Como esse site de relacionamento é utilizado também por muitos jovens não foi difícil encontrar ali, comunidades de juventudes partidárias, onde vários tópicos são postados para serem discutidos entre os membros da comunidade. Nesse aspecto, procuramos verificar quais setores de juventude dos partidos políticos possuem comunidades, sendo que o nosso propósito foi o de verificar a quantidade de comunidades e a quantidade de membros que pertencem a cada uma⁶ e não nos determos ao que os jovens discutem ali.

⁶ Vale frisar que essa análise fora feita entre os dias 17 a 26 de agosto de 2009, pois nessas comunidades existem uma certa mobilidade de membros que participam ou deixam de participar das mesmas frequentemente.

QUADRO 3

Comunidade de Juventudes no site de relacionamento *Orkut*

JUVENTUDE DO...	QUANTIDADE DE MEMBROS
PMDB	7.111
PTB	886
PDT	1.873
PT	7.440
PT do B	78
DEMocratas	2.860
PC do B	6.202
PSB	993
PSDB	2.897
PSC	39
PRP	23
PPS	365
PP	754
PSTU	975
PSL	17
PRB	74
PSOL	2.294

Fonte: Dados extraídos do site de relacionamento *Orkut*.

Dezessete dos vinte e sete partidos brasileiros, suas juventudes possuem comunidades de relacionamento, o que está bem próximo da quantidade de partidos que possuem espaços para os jovens em suas páginas na internet. Ressalta-se que muitos dos membros dessas comunidades devem estar fora da faixa etária que aqui nos propomos analisar, porém, existe a preocupação dos “moderadores” de tais comunidades reunirem jovens que debatam temas que nem sempre os *sites* dos partidos ou das próprias organizações da juventude do partido não propiciam.

Nota-se que a comunidade da “Juventude do PT” é a que aglutina uma maior quantidade de membros, seguida bem de perto pelo “PMDB Jovem”, isso pode demonstrar que nos Estados pode também haver organizações juvenis desses partidos⁷,

⁷ Comunidades de organizações de juventude dos partidos em nível municipal ou estadual também podem ser encontradas no *Orkut*, porém, para nós, nesse momento interessava proceder sobre comunidades que, avaliamos, possuir um caráter nacional de organização.

ou que os jovens procuram, nesse instrumento, uma forma de participar da vida política e partidária, independentemente de qual cidade ou estado vive. Outro dado a ser comentado refere como a juventude dos partidos tradicionais da esquerda, de cunho socialista, participa de tais comunidades e em determinados casos, superam em quantidade os jovens de partidos tradicionais, com maior potencial eleitoral. Certamente, o PC do B, através da comunidade da União da Juventude Socialista, é um exemplo de como seus jovens estão participando da mesma numa quantidade que supera a participação dos (as) jovens do PSDB e DEMocratas, partidos com maior expressão eleitoral. O PSOL é o sexto maior partido que concentra jovem na sua comunidade. Porém, o caso mais interessante é do PSTU, partido com um potencial eleitoral pífio, mas que tem uma grande quantidade de jovens que participam da comunidade do partido voltada para esse segmento, chegando a superar legendas mais reconhecidas eleitoralmente como PTB, PPS e PDT.

A grande quantidade de jovens nas comunidades de juventude dos partidos de esquerda faz-nos supor que esses (as) jovens são desprendidos (as) de qualquer visão preconceituosa contra a *internet* e a esses *sites* de relacionamento. Ao contrário, eles (as) se utilizam de tal instrumento para organizarem ainda mais o setor de juventude do partido trocando informações e debatendo as mais variadas temáticas. Ademais, o fato de boa parte dos partidos políticos brasileiros estarem preocupados em ter dentro de suas estruturas internas de funcionamento secretarias, setoriais, coordenações, etc. de juventude; e a forte presença dos jovens partidários na rede mundial de computadores leva-nos a acreditar ser pertinente o aprofundamento da participação da juventude nos partidos políticos. A ausência de pesquisas que demonstrem a faixa etária dos filiados partidários, tanto em nível nacional, estadual e municipal torna tal tarefa ainda mais árdua, porém necessária.

À princípio, o número de dezesseis partidos que possuem páginas destinadas à juventude e outros dezesseis que possuem comunidades de relacionamento – *Orkut* parece ser irrelevante, porém, está acima da metade da quantidade de partidos que existem hoje em funcionamento no Brasil. E esse número também é muito superior ao que fora constatado por Dornelles (2005) nas eleições de 2002, pois na época somente nove partidos tinham espaços dedicados à juventude em suas páginas da internet. Esses números levam a crer que a força inovadora da *internet*, obrigatoriamente passa a fazer parte do universo da comunicação política e, também, eleitoral voltada para os (as)

jovens, pois daí pode-se perceber o princípio downsiano da escolha do voto, onde a informação é algo imprescindível para a decisão do eleitor.

“Refletindo especificamente sobre o processo da comunicação eleitoral, quando o alvo é influir na formação da opinião das pessoas, tendo por objetivo final atrair a participação e os votos dos eleitores, temos que considerar que certas escolhas desses cidadãos vêm sendo feitas com base nas informações que os mesmos acumulam ao longo de um determinado período de tempo. A sobreposição de informações, advindas de pessoas, de grupos, da mídia e das ações segmentadas de propaganda, *marketing* e relações públicas, afetam a formação de pensamentos, opiniões e posicionamentos, determinando certas atitudes dos indivíduos em relação à política e às eleições” (DORNELLES, 2005).

Seguindo essa lógica e associando-se, ainda, a grande penetração que a *internet* vem tendo nas camadas mais jovens da população brasileira, podemos afirmar que a mesma não pode mais ser ignorada, tanto pelas instituições políticas e governamentais quanto pelos partidos políticos, como espaço de fomento no universo de construção das imagens públicas. Fazendo parte do sistema global de comunicação, a *Internet* passa a ocupar lugar de destaque em meio a esse atual cenário das redes informativas, cuja diversidade tem determinado uma multiplicidade de informações fragmentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ressaltamos, é necessário um maior estudo, não só por parte da Ciência Política, mas das outras áreas de conhecimento das ciências sociais, sobre a participação dos jovens nas instituições partidárias.

Numa democracia, marcada por um expressivo eleitorado, onde vinte por cento estão na faixa etária entre 16 e 24 anos e que a UNESCO compreende como jovens; e marcada ainda por uma enorme oferta de legendas partidárias, se faz necessária uma maior concentração de estudos para que possamos explicar a forma como os jovens se organizam partidariamente, mesmo que essa organização compreenda (somente?) o “mundo virtual”.

É sabido que a *Internet* criou novos paradigmas nas relações de comunicação e os partidos políticos, cientes do poder de massificação desse instrumento, não hesitaram em criar suas páginas e ali divulgar suas ações políticas e as formas como se organizam. E,

independentemente da coloração ideológica, a pesquisa demonstrou que a rede mundial de computadores é um importante meio de propaganda utilizado por quase todos os partidos políticos: Ações Políticas, artigos escritos por militantes, estatutos, *e-mails* para contatos ou *links* para filiação virtual são elementos que encontramos em quase todas as páginas desses partidos, o que demonstra que a disputa interpartidária por eleitores, simpatizantes e/ou militantes também ocorre em uma outra dimensão muito diferenciada das “bases” eleitorais tradicionalmente conhecidas.

A criação de setoriais, secretarias, coordenações que tratem de temáticas de segmentos historicamente excluídos, porém, com um importante peso quantitativo no eleitorado pode nos dar a idéia de que existe uma preocupação, questionável ou não, dos partidos políticos elaborarem plataformas políticas mínimas que atendam a reivindicação desses grupos. Mesmo não sendo o propósito dessa pesquisa, ao consultar as páginas dos partidos, percebemos que aqueles localizados num espectro mais a esquerda apresentam dentro de suas organizações internas setoriais (homossexuais e/ou de igualdade de gênero, de trabalhadores rurais, etc.) que não constatamos nas páginas dos partidos localizados mais a direita ideologicamente.

Percebe-se, no entanto, uma lógica de ação de quase todos os partidos manterem, dentro de suas organizações maior, “sub-organizações” voltadas principalmente às temáticas femininas e dos jovens. A primeira preocupação deve-se ao universo do eleitorado feminino que nos últimos anos, no Brasil, superou o masculino fazendo com que os partidos não somente criem políticas públicas voltadas para as mulheres, mas fomentem campanhas de filiação que visam, dentre outros fatores, lançar candidatas nas mais diversas esferas de poder que se conquista através do voto em pleitos local, estadual ou nacional.

Quanto às organizações de juventude, podemos conjecturar que vários motivos podem estimular tal dinâmica dessas instituições partidárias, dentre os quais aqui destacaremos três. O primeiro compreende a mobilização do eleitorado, considerando que esses jovens podem estar em locais que muitos adultos não estão ou que encontram dificuldades de estarem. A escola, a universidade, os clubes esportivos, grupos religiosos, ONG’s, etc. são exemplos de locais que comumente são freqüentados por jovens que ali, certamente, desenvolvem atividades políticas. Outro se refere à forma como os partidos buscam criar renovações de suas elites dirigentes e a chegada de quadros mais jovens, que trazem consigo níveis consideráveis de capital social, faz desses dirigentes

partidários em potencial. Por fim, uma outra hipótese deve-se, ao fato que num sistema de lista aberta, onde os partidos políticos precisam lançar quantidades de candidatos que possam atingir quocientes para obterem cadeiras nos Legislativos Municipais, Estaduais e Municipais, quadros mais jovens podem render votos de segmentos insatisfeitos com os “partidos e políticos tradicionais”.

Acreditamos que esse trabalho é um importante instrumento para que possamos analisar o tipo de tratamento que os partidos dão às suas juventudes e como essas juventudes se organizam internamente dentro dessas instituições políticas. Logicamente, é difícil mensurarmos a forma de participação desses jovens dentro das esferas partidárias quando nos detemos a analisar somente as páginas dos partidos ou das organizações dessas juventudes partidárias ou mesmo as comunidades encontradas em *sites* de relacionamento. Porém, mesmo com todos os entraves que impedem um melhor desenvolvimento da democratização no Brasil, não podemos negar que aumentos nos números daqueles que se interessam pelo voto somada a existência dessas formas de comunicação das juventudes partidárias retratam um interesse pela vida política de uma parcela dos jovens, o que é imprescindível para qualquer sociedade que busque fomentar os princípios democráticos a esse segmento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ludmila Chaves. **PPB: origem e trajetória de um partido de direita no Brasil**. Dissertação de Mestrado (FFLCH-USP).

ÁLVARES, Maria Luzia. **Mulheres na competição eleitoral: seleção de candidaturas e padrão de carreira política no Brasil**. Tese de Doutorado. Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro.

_____. **Recrutamento Político & Seleção de Candidaturas: Acesso às listas e o papel das lideranças no “Jardim Secreto”**, artigo apresentado no VI Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política, UNICAMP/Campinas, SP, 29 de julho a 1º de agosto de 2008.

AMES, Barry. **Os entraves da democracia no Brasil**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ARAUJO, Clara. Partidos **Políticos e Gênero: mediações nas rotas de ingresso das mulheres na representação política**. Curitiba, 24, Revista de Sociologia Política, p. 193-215, jun. 2005.

AVRITZER, Leonardo. **Reforma Política e Participação no Brasil** in AVRITZER, Leonardo & ANASTASIA, Fátima. **A Reforma Política no Brasil**, BH, Editora UFMG, 2006.

BAQUERO, Marcello. **Cultura Política Participativa e Desconsolidação Democrática: reflexões sobre o Brasil Contemporâneo**, Revista São Paulo em Perspectiva, 15 (4), 2001.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Cidadania: Condição de Exercício dos direitos humanos**. Extraído do site: <http://www.andhep.org.br/content/view/25/56/>, em 18/05/2007.

BOKANY, Vilma & VENTURI, Gustavo. **Maiorias adaptadas, minorias progressistas**. in: ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, 351-446.

BRAGA, Maria do Socorro Sousa & BORGES Tiago D. P. **Organização e Poder nos Partidos Políticos Brasileiros**, trabalho apresentado no 6º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política, realizado a 29 de julho a 1º de agosto de 2008, UNICAMP, Campinas SP.

CARDOSO, Cláudio. **Comunicação organizacional hoje II – novos desafios, novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2004.

CZUDNOWSKI, Moshe M. **Legislative Recruitment under Proportional Representation in Israel: A model and a Case Study**. In: Midwest Journal of Political Science. Vol. 14, n. 2, pp. 216-248, 1970.

DAHL, Robert. **Poliarquia**, São Paulo, EDUSP, 2001.

DORNELLES, Souvenir Maria Graczyk. **O significado da internet junto ao público jovem no trabalho de comunicação dirigida de partidos políticos: Uma análise sob o enfoque das Relações Públicas**, INTERCOM 2005, Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Junho/2005.

DOWNS, Anthony. **Uma teoria econômica da democracia**, SP, EDUSP, 2003.

DUVERGER, Maurice. **Os Partidos Políticos**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985.

FORTES, Waldyr Gutierrez. **Relações Públicas – processo, funções, tecnologia e estratégias**. São Paulo: Summus, 2003.

GIDDENS, Anthony. Preface. **Elites in the British Class Structure**. In STANWORTH, P. & GIDDENS, Anthony, **Elites and power in British Society**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

HUNTINGTON, Samuel. **Political order in changing societies**. New Haven, CT: Yale University Press, 1968. Citado em DIX, Robert H. Democratization and the institutionalization of american parties. *Comparative political Studies*, vol. 24, n.4, p.488-511, 1992

KINZO, Maria D'Alva. **Oposição e Autoritarismo: Gênese e Trajetória do PMDB (1966-1979)**, São Paulo, IDESP/Vértice, 2006.

_____. **Partidos, Eleições e Democracia no Brasil pós-1985**. RBCS, Vol. 19, nº 54, fev. 2004.

KRISCHKE, Paulo J. **Perfil da Juventude Brasileira: questões sobre cultura política e participação democrática**, Revista Internacional Interdisciplinar – INTERTHESIS, PPGICH, UFSC, 2003.

LAPALOMBARA, Joseph & WEINER, Myron. **Political Parties and Political Development**. Princeton, NJ, Princeton University 1966.

LEVITSKY, Steven. **Transforming Labor-Based Parties in Latin América: argentine peronism in comparative perspective**. Cambridge, Cambridge University Press, 2003.

LIMA, Eduardo Martins de. **O Sistema Eleitoral Brasileiro**. Disponível em <http://www.almg.gov.br/revistalegis/Revista35/eduardo35.pdf>

MENEGUELO, Raquel. **PT: a formação de um partido (1979-1982)**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

NORRIS, Pippa. *Passages to power. Legislative recruitment in advanced democracies*, Cambridge University Press, 1997.

PANEBIANCO, Angelo. **Modelos de Partido: organização e poder nos partidos políticos**, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

PERISSINOTTO, Renato M. & BOLOGNESI, Bruno. **O recrutamento político no PT e no PFL paranaenses nas eleições de 2006: sugestões de pesquisa**, *Paper* apresentado no 5º Encontro da ABCP, Belo Horizonte, 2007.

PINTO, Celi Regina Jardim. **As ONGs e a Política no Brasil: Presença de Novos Atores**. DADOS – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 49, no 3, 2006, pp. 651 a 670.

PRZERWORSKI, Adam. **Democracia e Mercado**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

PUTNAM, Robert. D. **The comparative study of political elites**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1976.

SARTORI, Giovanni. **Partidos e Sistemas Partidários**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, Editora UNB, 1982.

UNESCO. **Políticas Públicas de/para/com a Juventude**. Editora Unesco, 2004.

ZOVATTO, Daniel. **Financiamento Público e campanhas eleitorais na América Latina: uma análise comparada**. Opinião Pública, Campinas, Vol. XI, nº 2, Outubro, 2005, p. 287-336